

Teatro e Prisão: a Pedagogia da Escuta como fissura

Amanda de Carvalho Siqueira, Vicente Concilio

INTRODUÇÃO

O atual trabalho tem como objetivo analisar as estratégias metodológicas desenvolvidas nas aulas de teatro no Centro de Internação Feminino de Florianópolis a partir de março de 2026, período em que comecei a ministrar as aulas junto às minhas parceiras Laryssa Braz e Vitória Borin. O CIF (Centro de Internação Feminino de Florianópolis) é uma unidade de caráter público que abriga adolescentes dos 12 aos 21 anos que se encontram em conflito com a lei, cumprindo medidas socioeducativas e buscando a reintegração social. Entretanto, sabemos que, na prática, as complicações são muitas.

DESENVOLVIMENTO

As aulas têm como foco jogos de improvisação, já que o desenvolvimento de processos longos e contínuos é dificultado pela alta rotatividade das alunas no CIF. Nesse sentido, os jogos se apresentam como uma possibilidade metodológica que permite a construção de experiências teatrais em encontros que não dependem necessariamente de uma continuidade do grupo. As aulas acontecem quinzenalmente, uma semana na ala A e outra semana na ala B, com duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos. Têm como abordagem central a Pedagogia da Escuta, termo cunhado por Loris Malaguzzi (1920-1994), professor e pedagogo italiano, que defende que a escuta não se resume apenas ao ato de ouvir, mas reconhecer os alunos como participantes ativos do processo pedagógico. Com isso, a utilização desse método orienta tanto a condução das atividades quanto a relação estabelecida com as participantes e se aproxima da prática da pesquisadora Caroline Vetori, que além de falar sobre “fissurar os muros”, vai trazer a escuta como elemento fundamental para trabalhar em espaços de privação de liberdade. Para documentar as minhas experiências, utilizo um diário de bordo, no qual registro acontecimentos, percepções, falas e reflexões surgidas ao longo das aulas.

Na prática, essa abordagem se dá por meio de uma comunicação aberta durante os encontros: perguntamos como estão, o que acharam dos jogos e como se sentiram durante a aula, buscando escutar atentamente suas respostas para que também nos auxilie na condução dos próximos encontros. Durante as aulas, buscamos construir outras possibilidades de relação, nas quais a fala, a escuta, a escolha e a participação possam ocupar um lugar central. Dessa maneira, a escuta não se restringe ao momento de fala, mas implica reconhecer as alunas como sujeitos capazes de também fazer parte do processo pedagógico.

Contudo, essa vivência também é atravessada por muitos desafios. Mesmo recebendo uma resposta positiva no comportamento delas em relação a nossas aulas, reconhecemos que há dias em que nem com a abordagem mais cuidadosa nós conseguimos ter uma boa aula porque elas estão medicadas ou abaladas por conta da realidade delas, o que é totalmente compreensível; ou então temos muitas interferências das agentes penais que entram na sala para assistir a aula e até transitar pelo espaço como se não estivesse tendo aula naquele momento. É a partir dessas contradições que a pesquisa se orienta pelo seguinte questionamento: de que maneira a abertura de um espaço de escuta e improvisação teatral no CIF opera como uma fissura?

Vejo essas fissuras não como capazes de mudar toda a estrutura prisional, mas como momentos de tensão dentro dela. E esses momentos de tensão provocam uma pequena interrupção na rotina da instituição, seja na percepção que elas têm quando chegamos lá no portão de entrada, seja na própria dinâmica institucional. É nesse momento que aproximamos nossa prática da perspectiva abolicionista, compreendida aqui não apenas como a defesa da extinção dos espaços de privação de liberdade, mas como uma perspectiva que questiona as relações de punição, controle e encarceramento e busca construir outras formas de convivência e responsabilização.

As fissuras produzidas pelas aulas tornam-se espaços nos quais outras formas de relação podem ser experimentadas dentro de uma estrutura pautada pela privação de liberdade. Conclui-se, portanto, que a persistência em criar um espaço de afeto e escuta não anula a opressão, mas provoca uma pequena tensão na rotina da instituição a rotina já estabelecida.

RESULTADOS

Os registros do diário de bordo e as devolutivas das alunas indicam que a pedagogia da escuta tem contribuído para a construção de um espaço de diálogo e participação dentro da rotina institucional. As aulas também são percebidas pelas participantes como um momento de respiro, no qual podem criar, conversar e estabelecer outras formas de relação. Um retorno palpável que temos por parte das alunas e da instituição também é a realização da formatura, com entrega de certificados, que tivemos no final do ano passado, em 2025, e também fizemos no meio desse ano, no encerramento do primeiro semestre. Nas duas vezes que fizemos essa pequena comemoração foi muito gratificante, pois vemos o quanto é importante para elas ter acesso a esses certificados, que não são vinculados ao CIF, só a UDESC, e ter um dia que elas podem comer coisas diferentes que levamos para a confraternização. Essas experiências apontam para a existência de pequenas fissuras na dinâmica prisional, ainda que localizadas e provisórias, que tensionam a lógica de controle e privação de liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora essas práticas não alterem estruturalmente a instituição, elas criam momentos de diálogo, escolha e participação que tensionam sua lógica punitiva. Assim, compreendemos as fissuras como uma possibilidade de agir no presente, tendo o abolicionismo como horizonte de questionamento da estrutura de encarceramento.

Palavras-chave: pedagogia da escuta; teatro e prisão; Centro de Internação Feminino; abolicionismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão. **Formação continuada em educação de jovens e adultos em prisões**. Brasília: MEC, 2025.

DAVIS, Angela. *Estarão as prisões obsoletas?* Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

GAULÊS, Murilo Moraes; CONCÍLIO, Vicente; IMARISHA, Walidah. Ficções visionárias: intersecções criativas entre ficção científica, teatro e mudança social. *Pitágoras 500*, Campinas, SP, v. 14, 2024.

MARQUES, Laís Jacques. *Experimentos abolicionistas com teatro em espaços de privação de liberdade*. 2025. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2025.

SOUZA, Caroline Vetori de. *Estendemos nossas memórias ao sol: caminhos para uma dramaturgia da escuta com mulheres em privação de liberdade*. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2020.